

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIA DA SAÚDE – ESA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – OFERTA REGULAR

WELLINGTON ALMEIDA DA COSTA

**PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO DOS PROJETOS DE
CONTRATURNO DE BASQUETEBOL E BASQUETE 3X3 EM ESCOLAS DE
MANAUS**

MANAUS – AM

2025

WELLINGTON ALMEIDA DA COSTA

**PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO DOS PROJETOS DE
CONTRATURNO DE BASQUETEBOL E BASQUETE 3X3 EM ESCOLAS DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canan

MANAUS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

C838p

Costa, Wellington Almeida da

Perfil organizacional e pedagógico dos projetos de contrarturno de basquetebol e basquete 3x3 em escolas de Manaus / Wellington Almeida da Costa. Manaus : [s.n], 2025. 32 f.: color.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Canan, Felipe.

1. Basquetebol. 2. Basquete 3x3. 3. Projetos de Contrarturno. 4. Pedagogia do Esporte. I. Canan, Felipe (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)796

WELLINGTON ALMEIDA DA COSTA

**PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO DOS PROJETOS DE
CONTRATURNO DE BASQUETEBOL E BASQUETE 3X3 EM ESCOLAS DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como
requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso para a obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Manaus, 27 de novembro de 2025

BANCA EXAMINADORA



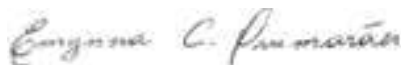
Prof. Dr. Felipe Canan (Orientador)

Universidade do Estado Do Amazonas (UEA)



Prof. Yan Carlos Souza da Silva (Avaliador)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



Profa. Emyrna Cavalcante Guimarães (Avaliadora)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde, força e equilíbrio para superar os desafios e chegar até aqui. À minha família, base de tudo na minha vida. Aos meus pais, que sempre acreditaram no meu potencial, me ensinaram a importância da educação e nunca mediram esforços para me apoiar. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho e cada sacrifício feito em silêncio foram fundamentais para que eu pudesse trilhar esse caminho. Tenho profundo orgulho e gratidão por vocês.

É importante também lembrar das pessoas mais próximas a mim, que estiveram presentes nos momentos mais cansativos e nos mais felizes desta jornada. Obrigado pela compreensão nas ausências, pelas conversas que aliviaram o peso da rotina, pela companhia nas madrugadas de estudo e pelas risadas que tornaram tudo muito mais leve. A amizade de vocês foi essencial para que este processo fosse também uma experiência muito marcante.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Canan, pela paciência, disponibilidade e orientação ao longo de todo o percurso. Todas as contribuições, críticas construtivas e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para meu crescimento não só como pesquisador, mas como futuro profissional da Educação Física. Agradeço por me dar a oportunidade de desenvolver este estudo e por me ajudar a enxergar além do óbvio.

Por fim, a todos que de forma direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível, o meu sincero agradecimento.

RESUMO

Introdução: O basquetebol e sua variação 3x3 são modalidades esportivas populares na cultura corporal e relevantes para a formação educacional e social no ambiente escolar, sendo o papel pedagógico do professor fundamental. **Objetivo:** Esta pesquisa teve como objetivo analisar o perfil organizacional e pedagógico de projetos de contraturno de basquetebol e 3x3 em escolas de Manaus-AM. **Metodologia:** Trata-se de uma investigação qualitativa, com objetivos descritivos e procedimento de pesquisa de campo. Os sujeitos foram quatro treinadores responsáveis por projetos de basquetebol e/ou 3x3 em escolas da cidade. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, com base em três eixos: dados sociodemográficos; organização institucional; e estruturação pedagógica. **Resultados:** Os resultados mostraram que todos os treinadores são homens, com idades entre 25 e 54 anos e experiência profissional de 7 a 25 anos. Dois possuem pós-graduação e três realizaram cursos específicos na área. Dois projetos são institucionais e dois surgiram por iniciativa dos próprios professores. O financiamento varia entre alunos, escola ou o próprio treinador. A carga horária semanal varia entre 2 e 6 horas, e apenas um projeto oferece bolsa. A adesão ocorre majoritariamente via escola ou por indicação, com baixos índices de evasão. Os conteúdos mais trabalhados são fundamentos técnicos e aspectos táticos. Conteúdos socioculturais como respeito, disciplina e cidadania aparecem de forma transversal. A experiência prévia como atleta é a principal base pedagógica, complementada por cursos e vídeos online. As atividades envolvem exercícios técnicos e situacionais, com adaptações conforme o nível técnico dos alunos. **Considerações Finais:** Conclui-se embora existam iniciativas relevantes, a oferta estruturada de basquete 3x3 ainda é incipiente em Manaus. Os projetos apresentam diversidade organizacional e metodológica, além de desafios ligados ao apoio institucional, ao financiamento e formação continuada. Quanto aos aspectos pedagógicos nota-se um padrão tradicional de ensino, em que aspectos técnicos e estratégicos são privilegiados, havendo menos espaço para o desenvolvimento das competências cognitivas dos jogadores.

Palavras Chave: Basquetebol; 3x3; Projetos de Contraturno.

ABSTRACT

Introduction: Basketball and its 3x3 variation are popular modalities within body culture and play an important role in educational and social development in the school environment, with the teacher's pedagogical role being fundamental. **Objective:** This study aimed to analyze the organizational and pedagogical profile of after-school basketball and 3x3 projects in schools in Manaus, Brazil. **Methodology:** This is a qualitative investigation with descriptive objectives and field research procedures. The participants were four coaches responsible for basketball and/or 3x3 projects in schools in the city. Data were collected through a semi-structured interview composed of three axes: sociodemographic data, institutional organization, and pedagogical structure. **Results:** The results showed that all coaches are men, aged between 25 and 54 years, with professional experience ranging from 7 to 25 years. Two have postgraduate degrees, and three have completed specific training in the area. Two projects are institutional in nature, while the others emerged from the teachers' own initiative. Funding varies among students, the school, or the coach himself. Weekly workload ranges from 2 to 6 hours, and only one project offers scholarships. Student participation occurs mainly through the school or by referral, with low dropout rates. The most frequently addressed contents are technical skills and tactical aspects. Sociocultural elements such as respect, discipline, and citizenship appear in a transversal way. Previous experience as an athlete is the main pedagogical foundation, complemented by courses and online videos. Activities involve technical and situational exercises, with adaptations according to students' skill levels. **Final Considerations:** It is concluded that, although there are relevant initiatives, the structured offering of 3x3 basketball remains incipient in Manaus. The projects present organizational and methodological diversity, as well as challenges related to institutional support, funding, and continuing education. Regarding pedagogical aspects, a traditional teaching pattern is observed, in which technical and strategic components are prioritized, leaving less room for the development of players' cognitive competencies.

Keywords: Basketball, 3x3, After-School Programs.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MÉTODO.....	12
2.1 Tipo de pesquisa	12
2.2 Participantes	13
2.3 Instrumento	14
2.4 Procedimentos	14
2.5 Análise de dados	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1 Eixo Sociodemográfico	16
3.2 Eixo Organizacional	17
3.3 Eixo Pedagógico	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

O esporte se trata de um dos fenômenos socioculturais mais incidentes da sociedade contemporânea, contribuindo para o desenvolvimento da educação, cultura, saúde e lazer dos praticantes. Como colocam Paes, Montagner e Ferreira (2009), manifesta-se de maneira plural, no que diz respeito às modalidades, cenários, personagens e significados que o envolvem.

Dentre as modalidades mais difundidas são encontrados os jogos esportivos de bola, também chamados de jogos ou esportes táticos, os seja, os esportes em que existe um móbil (normalmente uma bola) que serve tanto para intermediar a relação entre os adversários quanto para se atingir uma determinada pontuação, sendo alguns exemplos bastante populares, o basquetebol, futebol, futsal, handebol e voleibol (Thorpe; Bunker; Almond, 1986; Gréhaigne; Richard; Griffin, 2005; Hastie, 2010; Sadi, 2010; González; Bracht, 2012; Canan, 2022).

O basquetebol em particular, além de ser um dos jogos esportivos de bola mais populares do Brasil e presentes no âmbito escolar (Paes; Montagner; Ferreira, 2009; De Rose Junior, 2011; Canan, 2020), vem ganhando destaque crescente em razão da difusão de uma variação disputada com menos jogadores e em somente meia quadra, com uma única tabela para ambas as equipes, chamada de basquete 3x3 (ou, simplesmente, 3x3) (Canan; Silva, 2013; Brasil *et al.*, 2018; Brasil, 2019; Ribeiro; Brasil; Scaglia, 2019; Canan, 2021; Fabbis; Silva; Mocarzel, 2023).

Entretanto, em relação aos personagens, enquanto o basquetebol se mostra mais tradicional e formalizado, com um campo social de treinadores e jogadores bem definidos, o 3x3 parece ainda não caminhar por completo com suas próprias pernas, normalmente estando à sombra do próprio basquetebol. Saber como os personagens envolvidos lidam com essa relação entre o basquetebol e o 3x3 (se a oferta e a demanda são para ambos, se ambos são praticados e valorados em patamares semelhantes ou distintos, se um é utilizado para o desenvolvimento do outro etc.), mostra-se, assim, um caminho profícuo para pesquisas.

Os cenários, último elemento sugerido por Paes, Montagner e Ferreira (2009) para interpretação da pluralidade esportiva, dizem respeito ao espaço social em que o esporte se manifesta, podendo variar desde o alto rendimento até as aulas de educação física escolar ou práticas de contraturno. Estas práticas, também chamadas de projetos de contraturno, projetos esportivos, práticas esportivas escolares, turmas de treinamento esportivo, escolinhas esportivas, entre outros, como destacam Luguetti e Böhme (2011a), Luguetti e Böhme (2011b),

Knijnik, Massa, Luguetti e Böhme (2023), Basei, Bendrath e Menegaldo (2017), Bendrath e Basei (2019), Bendrath, Ferreira e Basei (2020) e Bendrath e Basei (2022), têm se mostrado um fenômeno crescente.

Esse cenário de crescimento se dá tanto pelo viés educacional e do lazer, especialmente com a tendência do desenvolvimento de escolas de tempo integral, quanto pelo viés da representação esportiva das escolas em competições dos mais diversos âmbitos (Bendrath; Basei, 2019).

Tal conjuntura, contudo, como advertem os autores, não deixa de esbarrar em problemas para ser maximizada, tais como a falta de infraestrutura e orçamento das escolas, a ausência de políticas públicas concretas e perenes de instituição ou incentivo à criação de projetos de contraturno, as condições socioeconômicas dos alunos, a formação inicial e continuada de professores/treinadores, a concorrência com outras opções de ocupação do tempo livre, especialmente os meios tecnológicos e, como destaca Seron Kiouranis (2017) as contradições inerentes ao próprio sistema esportivo competitivo escolar, que ora pende para os aspectos educacionais e de lazer, ora para os aspectos de treinamento e rendimento.

No âmbito do estado do Amazonas, a principal competição esportiva escolar é os Jogos Escolares do Amazonas (JEAs), que envolve a participação de escolas públicas e privadas da capital Manaus e do interior do estado nas categorias infantil (12 a 14 anos) e juvenil (15 a 17 anos), além de classificar para os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). Para participação, as escolas não necessariamente precisam ofertar projetos esportivos de contraturno, incorrendo em um comum problema, também apresentado por Seron Kiouranis (2017) de severa disparidade, decorrente da abrupta maior preparação de algumas equipes em relação às outras, gerando resultados competitivos possivelmente prejudiciais à autoestima e continuidade de prática esportiva de muitos participantes.

Esses problemas decorrem também do fato de que não apenas o basquetebol ou 3x3, mas os jogos esportivos de bola em geral, em termos de ensino, têm sido acometidos por uma pedagogia frágil, muitas vezes inadequada aos cenários, personagens e significados presentes no universo do esporte escolar, como advertem Kröger e Roth (2002), Ennis (1999), Graça (2004), Fonseca e Garganta (2006), Santana (2008), Paes e Balbino (2009), Paes, Montagner e Ferreira (2009), Roth, Memmert e Schubert (2016), Roth, Kröger e Memmert (2017) e Canan (2020).

Essa fragilidade pedagógica diz respeito eminentemente à especialização precoce (queima de etapas de aprendizagem em razão da valorização do resultado competitivo acima do aspecto formativo de longo prazo), prevalência do uso de princípios mecanicistas (excesso de prática de gestos técnicos descontextualizados da própria lógica interna do jogo e com pouco significado para os jogadores), repetição de conteúdos ao longo das etapas de ensino, ausência de autonomia e liberdade aos jogadores para tomarem suas próprias decisões (dentro e fora do jogo), entre outros.

Por outro lado, não apenas os problemas são conhecidos, mas também formas de os superar, presentes em métodos, modelos, propostas e formas de organização dos processos de ensino. Greco e Silva (2008), por exemplo, sugerem que o processo pedagógico seja organizado a partir de três estruturas, sempre adaptadas ao cenário, personagens, significados e modalidades em questão: substantiva (o que ensinar), temporal (quando ensinar) e metodológica (como ensinar).

Em relação aos conteúdos de ensino como dirimem Galatti *et al.* (2017), não apenas as competências esportivas (fundamentos tático-técnicos, organização coletiva e capacidade de jogo) devem ser ensinadas, mas também competências socioeducativas (valores, princípios éticos) e conteúdos histórico-culturais (conhecimento geral sobre o esporte praticado).

Em relação à divisão dos conteúdos e metodologias ao longo de diferentes etapas de ensino durante um processo de longo prazo, embora a literatura apresente variações, é possível se compreender por uma sequência basilar, que abrange as fases de iniciação, transição, especialização e rendimento (ou lazer), em um processo que vai do ensino de competência gerais em direção a específicas (Balyi, 2003; Greco; Silva, 2008; Böhme; Ré, 2009; Praça *et al.*, 2021; Canan, 2020).

No que diz respeito à estrutura metodológica, a literatura tem sugerido a importância da prevalência das perspectivas interacionistas (sistêmica, cognitivista, estruturalista, global), em detrimento da perspectiva empirista, mecanicista ou tecnicista (que desconsidera o caráter tático, interativo, dinâmico dos jogos esportivos de bola) (Thorpe; Bunker; Almond, 1986; Bayer, 1994; Gréhaigne; Richard; Griffin, 2005; Greco; Silva, 2008; Paes; Montagner; Ferreira, 2009; Reverdito; Scaglia, 2009; Devís Devís; Peiró Velert, 2010; Hastie, 2010; Sadi, 2010; González; Bracht, 2012; Greco; Conti; Morales, 2013; Ribeiro; Brasil, 2018; Brasil, 2019; Canan, 2020; Tabora; Rocha, 2021; Fabbis; Silva; Mocarzel, 2023).

As perspectivas interacionistas, como o próprio nome já diz, se pautam nas interações que acontecem dentro do jogo e, conseqüentemente, na imprevisibilidade de acontecimentos e necessidade do jogador interpretar a situação e tomar decisões antes de agir. Regra geral, aprende-se jogando e o jogador tem papel ativo na construção da sua própria aprendizagem, interpretando, decidindo e executando conforme sua própria condição. O treinador, em vez de único detentor do conhecimento, assume a função de mediador da aprendizagem do jogador, selecionando atividades adequadas e o orientando quanto às interpretações e decisões, sem oferecer respostas prontas.

Em termos de atividades de ensino, a tipologia apresentada por Canan (2020), com base em Bayer (1994), Carvalho (2003) e Paes, Montagner e Ferreira (2009), leva em conta as atividades de caráter interacionista e mecanicista. No primeiro caso, encontram-se o jogo formal (esporte em si próprio), jogos pré-desportivos (jogos e/ou brincadeiras mais simples que o esporte, mas que contém alguns de seus elementos tático/técnicos), jogos condicionados (jogos que apresentam a mesma lógica interna do esporte, mas em formato reduzido ou com alguma modificação na regra, que enfatize a aprendizagem de algum conteúdo específico) e exercícios situacionais (repetições de situações pontuais de jogo, aprimorando a tomada de decisão e ações consequentes e cada repetição). No segundo caso, encontram-se os exercícios técnicos (repetições de gestos motores, ou seja, técnicas de jogo, em condições de ausência de imprevisibilidade) e ensaios (exercitação de movimentações coletivas pré-concebidas, também em condições de ausência de imprevisibilidade).

Tendo em conta o basquetebol e o 3x3 como modalidades, os projetos de contraturno escolar como cenários, os treinadores como personagens e a existência de problemas inerentes aos processos de ensino e de competição, a presente pesquisa adotou como objetivo, analisar o perfil organizacional e pedagógico de projetos de contraturno de basquetebol e 3x3 em escolas de Manaus-AM.

2. MÉTODO

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa é qualitativa quanto à abordagem, descritiva quanto aos objetivos e de campo quanto aos procedimentos. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa foca em aprofundamentos de compreensão de grupos sociais, organizações ou fenômenos. Porém, não

descarta quantificação de dados, podendo também utilizar dados numéricos como complemento para contribuir na análise dos fenômenos.

O perfil descritivo diz respeito à descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo ou não relações entre variáveis. A entrevista mostra-se como instrumento importante nesse tipo de pesquisa, principalmente quando apresenta característica de investigação social, sendo este o caráter do presente projeto de pesquisa. Além disso, a entrevista mostra-se como um dos principais instrumentos adotados por pesquisas de campo, que buscam, no caso de investigações sociais, justamente coletar dados junto a pessoas.

2.2 Participantes

Os sujeitos selecionados para pesquisa de campo foram 4 treinadores responsáveis por projetos de basquetebol e/ou 3x3 em escolas de Manaus. Para a seleção foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a escola ter participado da edição dos JEAs 2024 no basquetebol e/ou 3x3; a escola ofertar projeto de contraturno de basquetebol e/ou 3x3; o treinador ser o responsável pelo processo de formação da equipe participante dos JEAs dentro do projeto de contraturno.

Ao mesmo tempo, um sujeito seria excluído da amostra se fosse participante do mesmo projeto de contraturno de outro participante da pesquisa ou se 8 participantes já tivessem sido anteriormente contemplados. Dessa forma, somente um professor por projeto de contraturno foi selecionado (havendo preferência por aquele que fosse responsável por mais equipes participantes dos JEAs), até o limite de 8 projetos.

Ao todo, foram 13 escolas participantes no basquetebol e 19 no 3x3. Delas, 10 eram comuns a ambos os jogos esportivos de bola, resultando em um total de 32 escolas participantes no JEAs no basquetebol e 3x3 como representantes da cidade de Manaus (AMAZONAS, 2024). 19 das escolas foram procuradas, identificando-se que apenas 8 delas ofertava projetos de contraturno para o ensino do basquetebol (e nenhuma para o 3x3). Dentre as 8, apenas 4 treinadores aceitaram participar da pesquisa, compondo, assim, a amostragem da presente pesquisa. Como houveram dificuldades no contato com as secretárias e haviam indícios que as outras 13 unidades não ofertavam projetos de contraturno (em conversas com os treinadores/professores das escolas encontradas), optou-se por manter apenas os treinadores que já haviam confirmado sua participação na pesquisa.

Como não foram identificados projetos específicos de contraturno de basquete 3x3, presume-se que as escolas que participam dos JEAs nessa modalidade o fizeram a partir do projeto de contraturno do basquetebol ou mesmo sem a existência de projetos de contraturno (o professor de educação física da escola reúne alunos interessados em participar e os inscreve e acompanha na competição, mesmo sem que necessariamente tenha havido uma preparação prévia específica para ela).

2.3 Instrumento

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. A entrevista é uma técnica de coleta de dados adequada a pesquisas de caráter social, possibilitando obter informações sobre o que os participantes pensam, sentem, fazem e desejam (GIL, 2008). Tendo em conta os elementos para compreensão da pluralidade do fenômeno esportivo, a entrevista oferece importantes contributos para se conhecer os significados atribuídos pelos sujeitos aos demais elementos (modalidades, cenários e demais personagens).

O roteiro foi construído contemplando três eixos centrais: dados sociodemográficos dos sujeitos (idade, gênero, anos de formação e anos de experiência em relação ao basquetebol e/ou 3x3); organização institucional do projeto de contraturno (razões para oferta do basquetebol e/ou 3x3, natureza institucional, fonte de financiamento, local, frequência semanal, forma de traslado dos jogadores, incentivo financeiro ou material aos jogadores, outras competições de que participam); estruturação pedagógica (estruturas substantiva, temporal e metodológica).

2.4 Procedimentos

O primeiro passo foi a identificação das escolas participantes dos JEAs no basquetebol e/ou 3x3, independentemente da faixa etária e gênero, pois todos foram abrangidos. Essa identificação aconteceu a partir do próprio site oficial da competição, que divulga boletins com equipes participantes e resultados (AMAZONAS, 2024). A edição pesquisada dos JEAs foi a de 2024, onde foram identificadas as 32 escolas supracitadas.

Sendo conhecidas as equipes, foi realizado um primeiro contato diretamente com o treinador ou com a secretaria e/ou direção da escola, a fim de saber se existia a oferta de projeto de contraturno de basquetebol e/ou 3x3, sendo identificados 8 projetos. A partir da quantificação de projetos, as escolas foram novamente procuradas, recebendo informações sobre a pesquisa e sendo consultadas sobre a permissão e interesse em permitir que o treinador

participasse. Sendo as respostas positivas por parte de todas as escolas, os 8 treinadores foram procurados e a pesquisa a eles apresentada, recebendo aceite de apenas 4 deles.

As entrevistas foram agendadas para ser realizadas individualmente e preferencialmente na própria escola, em espaço tranquilo e privativo. Antes da entrevista iniciar, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado ao sujeito. A entrevista aconteceu em sequência, com duração de 30 minutos. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, gravadas e transcritas na íntegra, sendo depois analisadas.

A todas as escolas, projetos de contraturno e sujeitos foram garantido o anonimato. As escolas também foram tratadas na apresentação dos resultados como E1, E2 etc., os projetos de contraturno foram tratados como PC1, PC2 etc., e os sujeitos como S1, S2 etc. O número atribuído à escola sempre equivale ao número do respectivo projeto de contraturno e ao número do respectivo sujeito, isto é, a escola 1 (E1) é a mesma do projeto de contraturno 1 (PC1) e do sujeito 1 (S1), por exemplo.

Essa pesquisa faz parte de um macroprojeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (CEP-UEA), sob o número de parecer 6.623.954, prevê a efetivação de subprojetos desenvolvidos em forma de Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou mesmo pesquisas independentes ao longo dos anos 2023 a 2027.

2.5 Análise de dados

A análise de dados seguiu as orientações de Gil (2008), iniciando com o estabelecimento de categorias. Para tanto, os próprios eixos do roteiro de entrevista serviram como uma forma de categorização.

Após a definição das categorias de análise, Gil (2008) sugere a fase de interpretação, na qual o pesquisador não fica restrito à leitura dos dados, mas sim sua perspectiva e significados a partir de fundamentos teóricos e da comparação a resultados de outras pesquisas. Serão fundamentos teóricos principais para contribuir à interpretação dos dados, os de Luguetti e Böhme (2011a) e Bendrath e Basei (2019) (projetos esportivos de contraturno), Seron Kiouranis (2017) (competições esportivas escolares), Paes, Montagner e Ferreira (2009) e Canan (2020) (basquetebol) e Ribeiro e Brasil (2018) e Brasil (2019) (3x3).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Eixo Sociodemográfico

O eixo sociodemográfico teve como objetivo identificar o perfil dos treinadores envolvidos em projetos de contraturno escolar que desenvolvem atividades de basquetebol e/ou basquete 3x3. A análise desse eixo permitiu compreender quem são esses profissionais a partir de variáveis como idade, gênero, formação acadêmica, tempo de atuação na área e a experiência profissional com a modalidade, apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos treinadores dos projetos de contraturno

Treinadores	Idade	Gênero	Graduação	Pós-graduação ou Especialização	Cursos	Experiência
S1	54	M	2006	-	-	25
S2	35	M	2011	Pós-graduação e Mestrado	Cursos ofertados pela federação	15
S3	34	M	2018	Pós-Graduação	Ensino do 3x3, Arbitragem, iniciação aos fundamentos do basquetebol	9
S4	25	M	2023	-	Training de Trainer e Cursos da NBA School	7

Fonte: os autores (2025).

Nota-se que todos os participantes são do sexo masculino, com idades compreendidas entre 25 e 54 anos, sendo a média de 37 anos. Esses dados ressaltam a predominância do sexo masculino entre os participantes, reforçando a necessidade de refletir sobre o acesso e permanência de mulheres em espaços de formação esportiva (Fontes et al., 2025).

A experiência profissional dos treinadores varia de 7 a 25 anos, com média de 14 anos de atuação. Segundo Farias et al. (2018), com base na classificação de Hüberman (1992), 14 anos de experiência profissional correspondem a à fase de diversificação, em que o profissional já se encontra estabilizado e busca diversificar sua prática pedagógica e materiais didáticos, visando novos estímulos para sua atuação.

Dois dos treinadores (S2 e S3) possuem formação em nível de pós-graduação e três relataram terem feito ao menos um curso de formação continuada específico de basquetebol e/ou 3x3. Esses dados sugerem um movimento ainda um tanto tímido em relação a

aprofundamento acadêmico dos profissionais pesquisados, o que contradiz a necessidade de formação continuada constante, como apontado por Azevedo et al. (2010).

3.2 Eixo Organizacional

O eixo organizacional da pesquisa tem como finalidade compreender de que forma os projetos de contraturno esportivos estão estruturados no âmbito institucional. A partir das respostas dos treinadores/professores desses projetos, é possível mapear aspectos fundamentais da organização e funcionamento dos projetos, como sua origem, razão da oferta, apoio institucional, recursos materiais e humanos disponíveis e inserção no contexto escolar ou comunitário.

Com base no Quadro 2, é possível identificar distintas formas de estruturação e inserção dos projetos de basquetebol no contexto escolar, a partir de três variáveis principais: tipo de escola, origem da iniciativa, financiamento do projeto e vinculação do professor à escola.

Quadro 2 – Organização institucional dos projetos de contraturno

Treinadores	Tipo de Escola	Iniciativa institucional	Financiamento do Projeto	Professor da escola ou apenas treinador do projeto
S1	Polícia Militar	Projeto da própria escola	Alunos	Apenas do projeto
S2	Polícia Militar	Iniciativa do treinador	Pelo próprio treinador	Da escola
S3	Pública	Iniciativa do treinador	Pelo próprio treinador	Da escola
S4	Particular	Projeto da própria escola	Alunos	Apenas do Projeto

Fonte: os autores (2025).

Os dados revelam que dois dos quatro projetos (S1 e S4) são descritos como projetos da própria escola, ou seja, institucionalizados formalmente dentro do ambiente escolar. Já os projetos dos treinadores S2 e S3 têm origem em iniciativas pessoais dos próprios treinadores, que são também professores de educação física curricular da escola. Nestes casos, os projetos são desenvolvidos pelos próprios professores/treinadores, contando com a permissão das escolas sobre o uso do espaço escolar, no horário de contraturno. Esse perfil sugere ações independentes ou sem vínculo inicial com políticas institucionais mais amplas da escola.

Quanto ao financiamento, observa-se uma diversidade nas fontes de recursos. Os projetos de S1 e S4 são financiados diretamente pelos alunos, o que pode representar uma limitação no acesso, já que depende da capacidade econômica dos participantes. Já os projetos

do S2 e S3 são projetos gratuitos que são mantidos pelo próprio treinador, com a escola apenas cedendo o espaço no contraturno, o que denota um alto nível de envolvimento pessoal e fragilidade institucional.

A variável referente à vinculação do treinador também apresenta contrastes significativos. Em dois casos (S1 e S4), os profissionais atuam exclusivamente no projeto, não fazendo parte do corpo docente regular da escola. Por outro lado, nos projetos de S2 e S3, os treinadores atuam também como docentes da escola, o que pode favorecer uma maior integração entre o contraturno e o currículo escolar formal.

A análise das razões apresentadas pelos treinadores para a oferta do basquetebol e/ou basquete 3x3 nos projetos denota diferentes concepções e intencionalidades que orientam suas práticas pedagógicas. Conforme apresentado no Quadro 3, as motivações não se restringem a aspectos técnicos da modalidade, mas refletem escolhas alinhadas a valores sociais, profissionais e educacionais.

Quadro 3 – Razões para a oferta do basquetebol e/ou basquete 3x3 no projeto

Treinadores	Razões para a oferta da modalidade
S1	Diminuir a ociosidade dos alunos por meio de atividades esportivas.
S2	Iniciativa do professor, divulgação da modalidade.
S3	Afinidade com o esporte e prática esportiva dos alunos.
S4	Oferecer práticas esportivas para os alunos.

Fonte: os autores (2025).

O treinador S1 enfatiza o papel do esporte como alternativa para reduzir a ociosidade dos alunos. Para Cavalcanti (2012), “a redução da ociosidade, dá aos sujeitos a responsabilidade para o seu desenvolvimento social, reduzindo com isso os distúrbios comportamentais, protegendo-os da marginalidade e melhorando a relação interpessoal”. Essa perspectiva demonstra uma compreensão ampliada do esporte, que se associa ao desenvolvimento integral dos sujeitos. Assim, o esporte pode ser entendido não só como uma prática centrada nos aspectos técnico-táticos, mas como uma ferramenta formativa capaz de desenvolver autonomia, sociabilidade e crescimento pessoal.

[...] E de lá para cá o projeto pouco para, mas a gente treina quase todo ano, né? Feriados, recessos escolares a gente treina. E faz o possível para botar o projeto numa situação boa para essa criançada. Com o objetivo de tirar essa criançada da ociosidade, né? (S1)

No caso do treinador S2, observa-se uma iniciativa individual na implementação do projeto de basquetebol no contraturno escolar, marcada por uma motivação pessoal e pelo desejo de ampliar a visibilidade da modalidade no ambiente escolar. Sua atuação evidencia um protagonismo docente que vai além da simples execução de atividades, assumindo papel ativo na criação e consolidação de oportunidades esportivas na escola.

[...] A escola começou a respirar a modalidade por conta dos resultados que a gente vem tendo, que são expressivos e querendo ou não atraem a curiosidade dos alunos (S2).

O treinador S3, por sua vez, apresenta uma justificativa relacionada a sua afinidade pessoal com o basquete, e ao incentivo à prática esportiva entre os alunos. Além disso, ao mencionar a importância do estímulo à prática, o treinador demonstra uma preocupação em contribuir com o acesso dos alunos a oportunidades esportivas qualificadas.

[...] O foco não é ser campeão no JEAS, e sim que esses alunos aprendam, se destaquem e joguem o basquete da melhor forma possível. A razão principal é porque eu gosto de jogar basquete. E eu adquiri bastante conhecimento que eu consigo transmitir bem para os meus alunos (S3).

Por fim, o treinador S4, afirma que a instituição é muito tradicional em relação às práticas esportivas, oferecendo projetos desse tipo desde a década de 1990, visando desenvolver o acesso a diferentes modalidades esportivas, sendo uma delas o basquetebol.

O Quadro 4 apresenta dados referentes aos aspectos organizacionais de projetos de contraturno escolar voltados ao basquetebol, incluindo a modalidade 3x3. A análise das variáveis permite identificar diferenças significativas quanto ao público atendido, carga horária semanal, existência de incentivos e participação em competições.

Quadro 4 – Características organizacionais dos projetos de contraturno escolar de basquetebol

Treinadores	Alunos do projeto	Carga horária semanal	Incentivo financeiro ou material	Competições além do JEAS.
S1	Apenas alunos do colégio.	3 horas de treinos	Não	FADE* e JECOP**
S2	Alunos do colégio e externos.	2 horas de treino	Não	JECOP, FADE, Campeonato amazonense
S3	Apenas alunos do colégio.	6 horas de treino	Não	FADE, Campeonato Amazonense e competições 3x3

S4	Alunos do colégio e externos.	6 horas de treino	Bolsa de estudos	FADE, Campeonato Amazonense e competições 3x3
----	-------------------------------	-------------------	------------------	---

* Federação Amazonense de Desporto Escolar. ** Jogos Estudantis dos Colégios da Polícia Militar.

Fonte: os autores (2025).

No que se refere ao público-alvo, observa-se que dois projetos (S1 e S3) atendem exclusivamente alunos do próprio colégio, enquanto os projetos conduzidos por S2 e S4 ampliam seu alcance ao incluir também estudantes externos à instituição, o que pode indicar uma maior abertura à comunidade local.

Em relação à carga horária semanal de treinamentos, há variações entre 2 a 6 horas. A carga horária de 6 horas semanais (S3 e S4) pode refletir maior disponibilidade de tempo ou maior estrutura do projeto. Curiosamente um dos projetos que oferta maior carga horária (PC3) é o menos institucionalizado, dependente do voluntariado do treinador.

Quanto aos incentivos financeiros ou materiais aos jogadores, destaca-se que apenas o PC4 conta com a concessão de bolsa de estudos para aqueles que apresentam maior rendimento técnico, demonstrando que os objetivos do projeto abarcam também os resultados competitivos em competições.

Não, o E4, como eu falei, o único incentivo é a questão da bolsa para a escolinha, para treinar o basquete, aqueles alunos potenciais. Mas quem está lá é porque realmente quer, não recebe nada em troca. A não ser o conhecimento e a melhora no basquete (S4).

O oferecimento de bolsas por rendimento em projetos escolares pode sugerir uma contradição ao princípio educativo, podendo gerar exclusão ou dificultar o acesso ao esporte. Segundo Seron Kiouranis (2017) existem contradições inerentes ao próprio sistema esportivo competitivo escolar, que ora pende para os aspectos educacionais e de lazer, ora para os aspectos de treinamento e rendimento.

No que tange à participação em competições para além dos Jogos Escolares (JEAS), todos os projetos demonstram envolvimento em eventos externos. Entretanto, há variações na diversidade e no número dessas competições. Importa destacar que, mesmo os projetos sendo destinados ao basquetebol, todos os projetos participaram do basquetebol e do 3x3 no JEAS e S3 e S4 relatam participar também de torneios específicos de 3x3. Isso evidencia que o 3x3 está ganhando espaço nos projetos de contraturno escolar, seja como instrumento pedagógico ou

como forma de participação mais ativa e diversificada em competições desse perfil. Tal perspectiva pode estar relacionada às próprias características do 3x3, que favorecem sua inserção em diferentes contextos. Isso, por sua vez, amplia as possibilidades de acesso e permite que diversos praticantes participem das competições associadas a essa modalidade (Brasil, 2019).

O quadro 5 ilustra o perfil da adesão dos alunos ao projeto, em termos de entrada, permanência e desistência.

Quadro 5 – Adesão e desistência dos alunos do projeto

Treinadores	Adesão dos alunos do projeto	Desistência dos alunos do projeto
S1	Adesão por intermédio de outros alunos	Baixo índice de desistência.
S2	Adesão anual por intermédio da escola	Baixo índice de desistência.
S3	Adesão anual por intermédio da escola	Baixo índice de desistência.
S4	Adesão variável e por intermédio da escola.	Desistência principalmente de alunos menos interessados pelo esporte.

Fonte: os autores (2025).

Para os treinadores S1, S2 e S3, a adesão dos alunos ocorre de forma recorrente e anual, seja por meio da escola (S2 e S3) ou por influência de colegas já participantes do projeto (S1). Esses mesmos treinadores relataram baixos índices de evasão entre os alunos, reforçando que uma vez inseridos no projeto, os participantes tendem a permanecer, demonstrando envolvimento e interesse contínuos pelas atividades propostas.

É assim, qual é o atrativo que eu tenho? O aluno trouxe um colega, trouxe uma colega aqui e tal, e aí ele não sabe nada de basquete, aí ele vai fazer uma aula experimental [...]. Então é assim, é assim que a gente vai, e aí vão ficando, vão ficando, algumas vão se destacando, né? (S1)

Cara, lógico que vai ter esse vai e volta, né? Mas, no meu projeto, particularmente, eu estou com alunos desde o sub-13. Então, a adesão é muito grande (S2).

Cara, eu não tive evasão não, todos os alunos que começaram ficaram comigo o ano inteiro, aconteceu de um aluno sair daqui da escola para ir para outra escola, mas de outro dia ele sair, de estar estudando aqui e não querer participar, não, se ele começou o projeto comigo, ele terminou o ano no projeto (S3).

Já o treinador S4 apresentou uma realidade distinta. Nesse caso, a adesão dos alunos é descrita como variável, embora também ocorra por meio da escola. No entanto, há registros mais frequentes de desistência, especialmente entre aqueles com menor interesse pela prática esportiva.

Os que desistem normalmente são aqueles que não gostam de basquete, mas que o pai ou a mãe querem que eles façam basquete. E acaba que eles desmotivam durante esse percurso porque realmente não gostam da modalidade (S4).

Esse dado pode indicar a presença de fatores externos ou internos ao projeto que dificultam a retenção dos alunos. Para De Rose Junior (2009) o abandono de práticas esportivas está relacionado principalmente pela falta de identificação com o esporte, expectativas desalinhadas ou pressão do ciclo social do indivíduo.

3.3 Eixo Pedagógico

O eixo pedagógico da presente pesquisa busca compreender as abordagens de ensino adotadas por professores e treinadores envolvidos em projetos de contraturno escolar voltados para o basquetebol e o basquete 3x3. Esse eixo visa analisar as estratégias metodológicas utilizadas nas práticas pedagógicas, considerando desde a forma como os conteúdos são organizados e ensinados até os princípios que norteiam o processo de ensino-aprendizagem nesses ambientes não formais da escola.

No que se refere às fontes utilizadas para a elaboração dos treinos nos projetos de contraturno escolar com foco no basquetebol e basquete 3x3, os dados revelam que a experiência prévia como atleta constitui a principal base pedagógica adotada pelos entrevistados. Três dos quatro sujeitos mencionaram diretamente a vivência prática no esporte como elemento formador de suas metodologias de ensino.

Hoje é assim, mais de 60% do que eu aplico vem de minha experiência como atleta que eu tive no passado, adaptei muita coisa para a realidade de hoje (S1).

As fontes são os treinamentos específicos que eu já passei durante a minha trajetória como atleta profissional. Eu pesquiso, eu estudo também em relação às novas técnicas que a gente pode utilizar através de coaches que já são renomados no meio do âmbito nacional (S2).

Muita coisa eu tiro da minha vivência, da minha experiência, da minha visão do basquete. [...], mas também de muitos vídeos que eu consigo, que eu também vejo na internet, que eu acho interessante, que eu acho que é bom e que é válido trazer para o treinamento, eu trago também (S4).

Apesar da valorização da experiência pessoal, todos deixam claro que ela não é a única fonte de conhecimento para nortear sua atuação profissional. Essa combinação de experiência pessoal com busca autônoma por conhecimentos atualizados pode apontar para uma construção pedagógica híbrida, pautada tanto em vivências, quanto em referências contemporâneas disponíveis em mídias digitais. O treinador S4 destaca ainda, aspectos do contexto, como faixa etária e nível técnico dos alunos como base para o planejamento das atividades. Esse tipo de

saber, resultado da prática profissional anterior, é reconhecido como fonte significativa de conhecimento pedagógico, que se desenvolve por meio da reflexão sobre a própria experiência (Tadiff e Lessard, 2005).

Curiosamente, nenhum treinador mencionou expressamente a formação em Educação Física e o uso de livros e artigos científicos, denotando certo distanciamento em relação ao campo acadêmico e às inovações que ele apresenta. Por outro lado, o treinador S3 traz como principal referência, os cursos de formação, destacando a importância do ensino dos fundamentos técnicos.

Cara, as minhas principais fontes são os cursos que eu fiz, teve um curso que eu fiz do técnico de seleção brasileira, que ele falou que os fundamentos são muito importantes, então se você trabalhar todos os exercícios baseados nos fundamentos, a tendência do seu time é melhorar (S3).

Essa fala, embora denote a preocupação com a formação continuada, revela uma concepção de ensino-aprendizagem centrada na repetição técnica e na melhoria da performance individual por meio do domínio dos fundamentos, o que sugere uma perspectiva predominantemente tecnicista e mecanicista do ensino do jogo e distancia-se das abordagens interacionistas que vem sendo defendidas pela literatura (Thorpe; Bunker; Almond, 1986; Bayer, 1994; Gréhaigne; Richard; Griffin, 2005; Greco; Silva, 2008; Paes; Montagner; Ferreira, 2009; Reverdito; Scaglia, 2009; Devís Devís; Peiró Velert, 2010; Hastie, 2010; Sadi, 2010; González; Bracht, 2012; Greco; Conti; Morales, 2013; Ribeiro; Brasil, 2018; Brasil, 2019; Canan, 2020; Tabora; Rocha, 2021; Fabbis; Silva; Mocarzel, 2023).

Nesse mesmo sentido, a partir da organização dos dados no Quadro 6, é possível observar que os treinadores entrevistados dão destaque ao ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol, como passe, drible e arremesso, ainda que não desconsiderem elementos de ordem tática e estratégica.

Quadro 6 – Conteúdos mais trabalhados nas aulas

Treinadores	Conteúdos tático-técnicos	Conteúdos socioculturais
S1	Foco no jogo (reduzido e formal); ensino tático durante o jogo	Disciplina; respeito.
S2	Ênfase em fundamentos; Aspectos físicos e motores, Tipos de defesa, sistema de ataque e defesa	Disciplina; respeito.
S3	Ênfase em fundamentos; Situações de jogo, Tipos de defesa, Ensino da marcação e movimentação ofensiva e defensiva	Respeito mútuo; escuta e cooperação

S4	Ênfase em fundamentos; Situações de jogo, Marcação e defesa	Formação cidadã como prioridade; valores de vida através do esporte;
----	---	--

Fonte: os autores (2025).

A análise dos conteúdos tático-técnicos apresentados no Quadro 6 revela um misto entre elementos técnicos, táticos, estratégicos e, em menor medida, físico. Os aspectos técnicos são identificados na palavra fundamentos (S2, S3 e S4); os aspectos os táticos são pertinentes a questões como jogo formal (S1), jogo reduzido (S1), ensino tático (S1), situações de jogo (S3, S4) e marcação (S3, S4); os aspectos estratégicos são encontrados em tipos de defesa (S2, S3), sistemas de ataque e defesa (S2, S4), movimentação (S3); e os aspectos físicos são encontrados nas palavras físico e motor (S2).

Ainda que existam elementos de todas as ordens de competência para jogar basquetebol/3x3, o elemento técnico é o único citado por 3 treinadores. Ao mesmo tempo, o destaque para tipos de sistemas e movimentações de ataque e/ou defesa pode, aliado ao aspecto técnico, remeter à ideia de um padrão tradicional de ensino, em que aspectos técnicos e estratégicos são privilegiados, havendo menos espaço para o desenvolvimento das competências cognitivas do jogador, em termos de interpretação, decisão e criatividade. Quadro semelhante foi encontrado por Fontes *et al.* (2025) em relação a projetos de contraturno escolar de handebol na cidade de Manaus.

Como reforça Galatti *et al.* (2017), o processo de ensino não deve se prender apenas as competências esportivas, mas também competências socioeducativas e conteúdos histórico-culturais. Entretanto, no que se refere aos conteúdos socioculturais, os treinadores destacaram que a construção de valores está intrinsecamente associada à própria prática esportiva, sendo compreendida como um componente essencial no processo formativo dos alunos. Em particular, os treinadores S1 e S2 enfatizam a disciplina e o respeito como valores centrais, o que se relaciona diretamente ao tipo de instituição em que atuam, que nesse caso são escolas da polícia militar. O treinador S3 destaca o respeito mútuo, a escuta e a cooperação como elementos presentes em sua prática. Já S4 amplia essa abordagem, afirmando que seu principal objetivo é a formação cidadã dos alunos, buscando que os aprendizados no esporte também contribuam para a vida pessoal e social dos participantes. Contudo, nenhum treinador deixou claro que adota os aspectos socioeducativos como conteúdos específicos dos treinos, sendo trabalhados de maneira transversal ao longo do processo.

Em relação aos tipos de atividades mais adotadas pelos treinadores verifica-se que, coadunando com os conteúdos de ensino, há maior ênfase nos aspectos técnicos e situacionais, conforme se vê no quadro 7.

Quadro 7 – Tipos de atividades adotadas pelos treinadores

Treinadores	Tipos de atividades
S1	Exercícios técnicos; Jogo formal; Jogo Reduzido
S2	Exercícios técnicos; Exercícios situacionais
S3	Exercícios técnicos; Exercícios situacionais
S4	Exercícios técnicos; Exercícios situacionais

Fonte: os autores (2025).

O treinador S1 se destaca dos demais ao mencionar também o uso de jogo formal e jogo reduzido como parte de sua metodologia. Além disso, a utilização do jogo reduzido está diretamente relacionada à prática do basquete 3x3, o que evidencia que a adoção dessa modalidade como instrumento pedagógico pode influenciar positivamente o processo de ensino-aprendizagem das capacidades técnico-táticas do basquetebol. Ribeiro; Brasil e Scaglia (2019) ressaltam que como as duas modalidades são semelhantes no sentido da dinâmica e ações de jogo, uma acaba contribuindo para desenvolvimento da outra, vez que ambas proporcionam aprendizagem e aprimoramento aos jogadores. Isso pode indicar uma tendência à valorização de situações mais próximas do jogo real, possibilitando que os alunos desenvolvam a leitura tática e a aplicação dos fundamentos em contextos com oposição. Esse mesmo treinador foi o único que não citou os fundamentos como conteúdos essenciais do seu processo de ensino, demonstrando coerência entre o “o que” e o “como” ensinar.

Entretanto, é bastante provável que os demais treinadores também adotem o jogo formal como parte de seus treinos, mas que não tenham o citado por entender que as atividades de ensino seriam somente aqueles diferentes do próprio jogo formal. O destaque dado por 3 treinadores aos exercícios situacionais demonstra uma preocupação importante com a aplicação dos fundamentos técnicos em contextos de ataque e defesa, extrapolando a simples repetição motora padronizada.

Em relação às adaptações para alunos de diferentes faixas etárias, constata-se que o nível técnico é o principal critério de diferenciação nas atividades de treino, sendo mais citado do que a idade cronológica. Os sujeitos S2 e S4, por exemplo, afirmam que a exigência em termos de

disciplina e empenho é a mesma para todas as faixas etárias, enquanto o grau de dificuldade das atividades é ajustado conforme a experiência dos praticantes.

[...] agora lógico, nível técnico a gente diminui a dificuldade para que os alunos que estão começando agora, eles consigam se adaptar a modalidade e não se espantar e continuar praticando (S2).

Mas a primeira coisa que tem que definir é a faixa etária e o nível de ensino. Às vezes um menino de 14 anos está no nível que um menino de 16 anos não está, né? Então o treinamento de equipe é diferente do treinamento de iniciação, de funda... de iniciação mesmo (S4).

Essa abordagem revela uma concepção igualitária nas cobranças comportamentais e de engajamento, mas flexível nos conteúdos e na progressão pedagógica, o que pode ser uma tentativa de equilibrar igualdade e desafio pedagógico, respeitando os ritmos individuais sem reduzir as expectativas educacionais.

O relato de S1, por sua vez, traz uma dimensão importante ao enfatizar a acolhida inicial e a criação de um vínculo afetivo e motivacional com os alunos e seus responsáveis. O treinador relata a realização de uma “aula experimental prazerosa” como forma de inserção das crianças no projeto, com o objetivo de despertar o interesse pela modalidade desde o primeiro contato.

A gente faz primeiro aquela primeira aula experimental, bem prazerosa para que ele saia gostando, e de preferência com a presença da mãe, pai, responsável, tia, avó, quem seja. Por que ser responsável? Primeiro que ele precisa me conhecer, e aí procurar atrair a criança, para que a criança goste da modalidade (S1).

Segundo Paes, Montagner e Ferreira (2009), esse tipo de *modus operandi* sugere uma atenção à afetividade, ao pertencimento e à ludicidade, aspectos centrais em abordagens construtivistas e humanistas do ensino esportivo. Além disso, S1 destaca a organização de espaços diferenciados na quadra, com o intuito de promover aproximação de competências entre os alunos mais iniciantes e os mais experientes, o que demonstra sensibilidade ao princípio da individualização no ensino.

Já o treinador S3 reconhece explicitamente a necessidade de maior intensidade e exigência física e tática com alunos mais velhos ou mais desenvolvidos, destacando práticas como marcação mais forte, aceleração do jogo e aumento da pressão defensiva. Essa diferenciação parece ter como objetivo o estímulo ao desempenho e ao aprofundamento tático-técnico, pautado em referenciais próprios da lógica interna do basquetebol/3x3 e voltados à preparação para a competição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais achados da presente pesquisa foi a ausência de projetos específicos para o 3x3, evidenciando que, apesar do crescimento e presença da modalidade em competições escolares, ela ainda não possui estrutura própria de ensino e segue vinculado ao basquetebol tradicional no contexto pesquisado.

No eixo demográfico, observou-se predominância masculina entre os treinadores, com diferentes níveis de formação, mas forte influência da experiência prática como sua base pedagógica. Já no eixo organizacional, identificaram-se projetos tanto institucionalizados quanto dependentes de iniciativas individuais dos professores, revelando avanços, mas também fragilidades estruturais e desigualdade de acesso. No eixo pedagógico, verificou-se certo contraste, mas ainda com forte influência das perspectivas tecnicistas, indicando necessidade de maior aproximação com abordagens contemporâneas interacionistas que vêm sendo defendidas pela Pedagogia do Esporte.

Como limitações, destacam-se o número reduzido de participantes e a inexistência de projetos exclusivos de 3x3, o que restringiu análises mais profundas sobre essa modalidade. Pesquisas futuras talvez possam ampliar o número de escolas investigadas, incluir diferentes regiões, considerar a perspectiva dos alunos ou mesmo realizar a observação das aulas para confirmar o que foi dito.

5. REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Jogos Escolares do Amazonas - JEAs 2024**. 2024. Disponível em: <https://www.jeas.com.br/>. Acesso em set./2024.

AZEVEDO, Andréa Maria Pires; OLIVEIRA, Glycia Melo; SILVA, Priscilla Pinto Costa; NÓBREGA, Thereza Karolina Sarmiento; JÚNIOR, Marcílio Souza. Formação continuada na prática pedagógica: a educação física em questão. **Movimento**, v. 16, n. 4, p. 245-262, 2010.

BALYI, Istvan. O desenvolvimento do praticante a longo prazo - sistema e soluções. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 23, p. 22-27, 2003.

BASEI, Andréia Paula; BENDRATH, Eduard Angelo; MENEGALDO, Pedro Henrique Iglesias. Atividades complementares curriculares em contraturno escolar no estado do paraná: um estudo do macrocampo esporte e lazer. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 136-156, jul./2017.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BENDRATH, Eduard Angelo; BASEI, Andréia Paula. O esporte como atividade complementar curricular: uma análise a partir da teoria do capital social. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 48, p. 219-237, 2019.

BENDRATH, Eduard Angelo; BASEI, Andréia Paula. Projetos de esporte e lazer nas escolas estaduais do Paraná e os parâmetros internacionais de qualidade. **Esporte e Sociedade**, a. 15, n. 35, p. 1-20, jun./2022.

BENDRATH, Eduard Angelo; FERREIRA, Tamires Fernanda; BASEI, Andréia Paula. A gestão do esporte em projetos escolares: implementação, monitoramento e avaliação. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**. v. 10, p. 1-15, 2020.

BÖHME, Maria Tereza Silveira; RÉ, Alessandro Nicolai. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 171-184.

BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho. **Basquete 3x3: reflexões a partir da Pedagogia do Esporte**. 2019. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho; LEONARDI, Thiago José; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. O basquete de rua nos espaços de lazer da Região Metropolitana de Campinas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 144-165, dez. 2018.

CANAN, Felipe. O basquete 3x3 sob uma perspectiva histórico-social. In: TABORDA, Douglas dos Santos; ROCHA, Cristal Lemos Guimarães (Org.). **Basquete 3x3: uma proposta de ensino-aprendizagem-treinamento ao desenvolvimento esportivo de atletas**. Curitiba: Appris, 2021. p. 23-38.

CANAN, Felipe; SILVA, Rogério Vaz da. Considerações histórico-sociológicas acerca do basquete de rua e suas possíveis relações com a educação física escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 65-77, jan./jun. 2013.

CANAN, Felipe. **Teoria e fundamentos do basquetebol e handebol**. Curitiba: Fael, 2020.

CANAN, Felipe. **Teoria geral dos jogos esportivos de bola** (Guia funcional dos jogos esportivos de bola - volume 1). Manaus: Editora UEA, 2022.

CARVALHO, António. **Concepções didáctico-metodológicas para o ensino/treino dos JDC/futebol**. Treino Desportivo, Lisboa, n. 21, p. 52-55, 2003.

CAVALCANTI, Rosemeire da Silva Costa Miranda. **Políticas públicas para diminuição da ociosidade das crianças e adolescentes do município de Jacareí**. 2012. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

DE ROSE JUNIOR, Dante. Modalidades esportivas coletivas: o basquetebol. In. DE ROSE JUNIOR, Dante (Org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 113-127.

DE ROSE JUNIOR, Dante. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DEVÍS DEVÍS, José; PEIRÓ VELERT, Carme. Enseñanza de los deportes de equipo: la comprensión en la iniciación de los juegos deportivos. In: BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, Domingo (Org.). **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 5. ed. Barcelona: INDE, 2010, p. 333-350.

ENNIS, Catherine. Creating a culturally relevant curriculum for disengaged girls. **Education and Society**, v. 4, n. 1, p. 31-29, 1999.

FABBIS, Bernardo Foureaux; SILVA, Hugo Vinícius de Oliveira; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Basquete 3x3 e a práxis pedagógica da nova modalidade olímpica. In: BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho (Org.). **Educação Física e ciências do esporte para além do “quarteto fantástico”**. Santa Maria: Arco Editores, 2023. p. 47-61.

FARIAS, Gelcemar Oliveira et al. Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 441-454, 2018.

FONSECA, Hélder; GARGANTA, Júlio. **Futebol de rua: um beco com saída – jogo espontâneo e prática deliberada**. Lisboa: Visão e Contextos, 2006.

FONTES, Angélica Maria Pinto et al. Perspectiva de treinadores sobre o ensino do handebol feminino em projetos de contraturno das escolas de Manaus/AM. **Pensar a Prática**, v. 28, 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; MARTINS, Ida Carneiro; MACHAD, Gisele Viola; SEOANE, Antonio Montero; PAES, Roberto rodrigues. Pedagogia do esporte e educação física escolar: uma proposta considerando modalidades esportivas coletivas. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (Org.). **Múltiplos cenários da prática esportiva** (Coleção Pedagogia do Esporte – Volume II). Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 151-171.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

GRAÇA, Amândio. O desporto na escola: enquadramento da prática. GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 97-112.

GRECO, Pablo Juan; CONTI, Gustavo de; MORALES, Juan Carlos (Org.). **Manual das práticas dos esportes no Programa Segundo Tempo**. Maringá: EDUEM, 2013.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara. A metodologia de ensino dos esportes no marco do Programa Segundo Tempo. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 81-112.

GRÉHAIGNE, Jean-Francis; RICHARD, Jean-François; GRIFFIN, Linda. **Teaching and learning team sports games**. New York: Routledge Falmer, 2005.

HASTIE, Peter. **Student-designed games: strategies for promoting creativity, cooperation, and skill development**. Champaign: Human Kinetics, 2010.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-61.

KNIJNIK, Jorge; MASSA, Marcelo; LUGUETTI, Carla; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Physical education and after-school programs: brazilian experiences and tendencies for the 21st century. In: CHEPYATOR-THOMSON, Jepkorir Rose; HSU, Shan-Hui (Ed.). **Global perspectives on physical education and after-school sport programs**. Lanham: University Press of America, 2013. p. 173-186.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

LUGUETTI, Carla Nascimento; BÖHME, Maria Tereza Silveira. A iniciação esportiva na escola por meio das práticas esportivas escolares. In: BÖHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011a. p. 195-218.

LUGUETTI, Carla Nascimento; BÖHME, Maria Tereza Silveira. **Práticas esportivas escolares: o esporte no contraturno das escolas e suas possibilidades – discussões a partir de um estudo populacional**. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2011b.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 73-84.

PAES, Roberto Rodrigues; MONTAGNER, Paulo Cesar; FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do esporte – iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PRAÇA, Gibson Moreira; GRECO, Pablo Juan; ABURACHID, Layla Maria Campos; RIBAS, Schelyne; MORALES, Juan Carços Pérez. Teoria da cognição-ação: como o desenvolvimento do pensamento tático processual na iniciação esportiva pode contribuir para a formação de atletas experts a longo prazo? In: TABORDA, Douglas dos Santos; ROCHA, Cristal Lemos Guimarães (Org.). **Basquete 3x3: uma proposta de ensino-aprendizagem-treinamento ao desenvolvimento esportivo de atletas**. Curitiba: Appris, 2021. p. 39-72.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

RIBEIRO, Alex Natalino; BRASIL, Douglas Vínicius Carvalho; SCAGLIA, Alcides José. O basquete de rua enquanto facilitador do ensino do basquetebol. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, Extremadura, v. 15, n. 2, p. 135-144, 2019.

ROTH, Klaus; KRÖGER, Christian; MEMMERT, Daniel. **Jogos de rede e raquete**. São Paulo: Phorte, 2017.

ROTH, Klaus; MEMMERT, Daniel; SCHUBERT, Renate. **Jogos de arremesso**. São Paulo: Phorte, 2016.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do esporte – descobrindo novos caminhos**. São Paulo: Ícone, 2010.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SERON KIOURANIS, Taiza Daniela. **Os Jogos Escolares Brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de esporte escolar?** 2017. 292 f. Tese (Doutorado). Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TABORDA, Douglas dos Santos; ROCHA, Cristal Lemos Guimarães (Org.). **Basquete 3x3: uma proposta de ensino-aprendizagem-treinamento ao desenvolvimento esportivo de atletas**. Curitiba: Appris, 2021.

TARDIF, Maurice.; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: **Vozes**, 2005.

THORPE, Rod; BUNKER, David; ALMOND, Len (Org.). **Rethinking games teaching**. Loughborough: Department of Physical Education and Sports Science. University of Technology. 1986.